



NICE, A PONTE NOVA.

Por ocasião do desenho da igreja de Santa Reparata, já fallámos de Nice ou Nizza do Piemonte. O territorio de que é cabeça esta cidade, em geral montuoso e alpestre, cria comtudo na parte cultivada e productiva optimos fructos; porém, a sua mais notavel particularidade é que, encravado nos Alpes, participa do clima rispido e proprio de montanhas logo a pouca distancia da cidade, ao passo que esta gosa de tão amena temperatura que é procurada pelos doentes e valedudinarios para residencia no inverno, especialmente os achacados de doenças pulmonares; e tambem muitos opulentos, especialmente alemães e inglezes, a buscam como estancia recreativa nos outros periodos do anno. Provavelmente a causa de uma transição tão rapida e de assaz definido contraste em pequeno espaço nasce da proximidade do mar, sobre o qual Nice parece estar independente. De facto vive-se em Nice como n'uma feira franca onde concorressem individuos de toda a parte da Europa, e o homem instruido e sabelor das principaes linguas acha sempre conversação variada e deleitosa.

Uma das boas vistas da povoação, que apresenta muitas e mui agradaveis, desfructa-se do lado da ponte nova.

Foi capital do condado do seu nome, e depois de passar pelo dominio de varios senhores, incorporou-se finalmente nos estados da corôa da Sardenha.

M.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

FUNCHAL.

A 29 de Julho de 1772 a expedição commandada por Cook ao hemispherio austral, tocava n'este porto. É curiosa a noticia d'esta ilha, dada por M. Forster filho, que em companhia de seu pae, iam encarregados, pelo governo inglez, de observações de historia natural. Para vermos como os estrangeiros nos avaliavam n'aquelle tempo, damos aqui as suas palavras:

«Funchal está edificada em forma de amphitheatro, em roda da bahia, no declive das primeiras collinas. Logo do mar a vista abrange todos os edificios publicos e particulares. Estes, na maior parte são caiados, e constam de dois andares, com os tectos quasi horisontaes, n'essa elegancia d'uma architectura oriental que se não encontra em as nossas casas estreitas, de tectos escarpados, e com grande numero de chaminés.

«Do lado do mar ha diversas baterias e plata-formas guarnecidas de artilheria. O velho castello, que domina a bahia, eleva-se no alto de um negro rochedo, cercado de bastante agua. Outro forte, chamado de S. João, está postado n'uma visinha eminencia, sobranceiro á cidade. As collinas por traz do Funchal, cobertas de vinhas, varias plantações, bosques, quintas e egrejas, augmentam a belleza da paizagem. Isto chama ao pensamento os jardins das fadas, e assi-

MAIO, 30, 1857.

milha-se ao que a historia conta dos jardins suspensos da rainha Semirames.

«A cidade, porém, não corresponde ao prospecto que apresenta na bahia. As ruas são estreitas, mal calçadas, e sujas; as casas construídas de pedra negra, e sem vidraças, excepto as que pertencem aos negociantes inglezes e principaes habitantes. As vidraças suppreem-se por meio de rotulas. A maior parte das lojas são occupadas pelos criados, armazens, casas de venda, etc.

«As egrejas e mosteiros são muito simples; não tem nenhuma ordem d'architectura; e no interior nota-se-lhes falta de gosto. A pouca claridade que penetra n'estes edificios só esclarece ornamentos amontoados uns sobre outros n'uma forma gothica. O convento dos franciscanos é accommodado e espaçoso, porém a cêrca mal arranjada. As religiosas de Santa Clara receberam-nos mui politicamente á grade.

«Principiámos na madrugada do dia seguinte as nossas excursões, seguindo um rio que corre pelo interior do paiz. Era uma hora da tarde quando chegámos a um bosque de castanheiros, quasi no pico mais elevado da ilha, e distante cêrca de seis milhas da quinta de mr. Loughan, onde havíamos pernoitado. Ali era o ar mais vivo que nas partes baixas, e uma agradável brisa contribuia muito para a sua frescura. Servia-nos um preto de conductor, e ao cabo de um passeio de hora e meia regressámos á casa que nos offerecera tão generosa hospitalidade.

«Entrarei n'algumas observações que fiz durante a minha estada na ilha, e julgo que serão de interesse para o leitor, porque me foram communicadas por inglezes instruidos, e que habitam a Madeira ha muitos annos.

«A ilha tem de comprimento quasi cincoenta e cinco milhas, e dez de largo, e foi descoberta, em 1419, por Gonçalo Zarco, não tendo fundamento a noticia de que o foi por um inglez chamado Machin. Acha-se dividida em duas capitánias, Funchal e Machico: a primeira tem duas judicaturas, que são Funchal e Calheta; a segunda outras duas, que vem a ser Machico e S. Vicente.

«Funchal é a unica cidade. A ilha subdivide-se em sete villas, que são Calheta, Camara de Lobos, Ribeira, Brava, e Ponta do Sol na capitania do Funchal, que se divide em vinte e seis parochias: as tres restantes estão na capitania de Machico, compondo-se de dezeseite parochias. Estas tres villas tem nome de Machico, S. Vicente, e Santa Cruz.

«O governador está á testa de todas as repartições civis e militares tanto d'esta ilha como das de Porto Santo, Selvagens, e Desertas, onde unicamente ha, em tempo proprio, companhias de pescadores. Quando tocámos no Funchal era seu governador D. Antonio de Sá Pereira.

«A administração da justiça depende de um

corregedor, nomeado pelo rei de Portugal, e ordinariamente é enviado de Lisboa, e amovivel á vontade da côrte. A judicatura tem um senado, presidido por um juiz eleito na ilha, e na ausencia, ou morte do corregedor, é este quem preenche as suas funcções. Os negociantes estrangeiros escolhem o seu juiz privativo, chamado *provedor*; que é ao mesmo tempo o collector dos rendimentos reaes, que montam a cento e vinte mil libras esterlinas. Os soldos dos officiaes civis e militares, o pret da tropa, as despesas dos edificios publicos consomem a maior parte d'esta somma. O rendimento consta do dizimo de todas as produções da ilha, que o rei arrecada na qualidade de grã-mestre da ordem de Christo; de um imposto de dez por cento sobre todas as importações, sem exceptuar os generos de consumo; e finalmente de onze por cento sobre o que se exporta.

«A ilha tem de guarnição uma companhia de cem soldados de tropa de linha; porém ha igualmente uma milicia na força de tres mil homens, que não recebe soldo, apesar do que são muito invejados os seus postos em virtude da consideração que teem. Esta milicia reune-se uma vez por anno, e tem exercicio durante um mez.

«Ha na ilha cêrca de mil e duzentos padres seculares, e a maior parte d'elles são mestres em casas particulares. Depois da extineção dos jesuitas não ha nenhuma escola regular excepto um seminario, onde se educam dez estudantes á custa do rei. Estes pensionistas usam por distincção um manto encarnado por cima da batina que é commum aos outros escolares. Na Madeira ha tambem um deão, um capitulo, e um bispo, cujo rendimento é maior que o do governador, e consiste em cento e dez pipas de vinho, e quarenta moios de trigo. Pelos quatro mosteiros estão repartidos cincoenta ou sessenta frades franciscanos, e trezentas religiosas das Mercês, Santa Clara, Encarnação, e Bom-Jesus. Estas ultimas podem largar o habito e casar-se.

«Em 1768, os habitantes das quarenta e tres parochias da Madeira andavam por 63913, sendo 31341 homens e 32572 mulheres: morreram n'este anno 5243 pessoas, e nasceram 2198; de sorte que o numero dos obitos excedeu os nascimentos em 3045. É provavel que houvesse então alguma doença epidemica, porque se a mortalidade fosse sempre assim bem depressa a ilha ficaria despovoada. A excellencia do clima parece confirmar esta supposição. Em geral o tempo é doce e temperado no estio; o calor muito moderado nas partes elevadas da ilha para onde n'essa estação se retiram as pessoas abastadas; a neve dura ahi muitos dias, ao passo que nas partes mais baixas não atura mais de vinte e quatro horas. Sobre a exactidão do que narrei a respeito dos obitos e nascimentos, tenho a dizer que me foi communicado pelo proprio secretario do governador em presença do mappa das parochias.

«O povo é ordinariamente de tez cobreada e

de corpo bem feito, se bem que os pés são largos, talvez pela necessidade de trepar as escarpadas sendas d'este paiz montanhoso. Tem o rosto oblongo e olhos negros. Os cabellos, tambem pretos, annelam-se naturalmente. Alguns indios os teem crespos por causa do cruzamento com os negros. Em geral, as feições, ainda que duras, não são desagradaveis. A natureza não favoreceu as mulheres, pois falta-lhes aquella tez brilhante que é o complemento da belleza. São baixas, e trigueiras, com os ossos das faces proeminentes, pé comprido, e no todo faltas de graça. Estes defeitos, porém, d'alguma forma lhes são compensados pelas justas proporções do corpo, bem feito das mãos, e seus olhos grandes e animados.

Continua.

A REALIDADE DO INFINITO NO ESPAÇO, E NO TEMPO.

A medida que os instrumentos astronomicos se tem ido aperfeiçoando, tem-se tambem descoberto milhares de estrellas desconhecidas, mais afastadas do que as que se haviam observado antes: e novos aperfeiçoamentos nos telescopios, produzirão novas descobertas. O certo é que o espaço não é limitado, mas realmente infinito.

O que é a verdade do espaço, tambem o é a do tempo. O geologo que estuda a successão das camadas do globo e dos seres que ellas encerram, desde as mais antigas até ás mais recentes, retrocede espantado ante os milhares de seculos a que o conduzem os menores calculos. Ha camadas a muitos centenares de metros de profundidade formadas de animaes microscopicos, muitos milhares dos quaes caberiam n'um dedal. Antes porém que vivessem na superficie do nosso globo seres organisados, já elle rolava em forma de bola incandescente, atravez os espaços. E esta incandescencia não é uma hypothese gratuita, mas um facto estabelecido pela astronomia, pela mechanica, pela geologia, e pelo estudo da temperatura da terra a grandes profundidades. Tudo mostra que desde os tempos historicos a temperatura do globo não tem mudado. Quantos seculos não teriam sido precisos para se perder o calor incommensuravel que sustentava as rochas mais infusiveis n'um estado quasi liquido! E uma vez tornado solido, quanto tempo não teria sido preciso antes de se poderem estabelecer n'elle os seres vivos! O infinito no tempo é portanto tão real como o infinito no espaço, e o homem que descansa na idéa de uma existencia sem fim para o futuro, deve concluir o mesmo a respeito do passado, e deve proclamar a eternidade do tempo.

A noção do infinito não é portanto uma noção do entendimento, uma forma das idéas, como dizia Kant, mas uma realidade cuja existencia foi demonstrada pelos progressos da astronomia, e da geologia.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

AMO A NOITE.

É Deus um vate e o mundo o seu poema.

L. PIRES.

Quando vae findar o dia,
Quando a lua quer nascer,
Quando as estrellas começam
Lá no ceo a apparecer;
Quando a brisa docemente,
Vem depois do sol ardente
Da tarde que vae findar:
N'essa hora de poesia
Tudo diz melancolia,
Tudo amor faz inspirar!...

A noite com seus mysterios,
Que mil bellezas contém!
Aqui deslizando a fonte
E o ribeirinho tambem!
Além n'um ramo visinho
O canto do passarinho,
Continuamente a soar!
E n'esses bosques frondosos
Ruidos mysteriosos,
Que não se podem contar!...

Tem immensa magestade
Essas horas de repouso!
Tem de certo mais encantos
Do que o dia mais formoso!
Quando se ouve a ramagem,
Impellida pela aragem
Brandamente se agitar!
Quando na haste mimosa,
A violeta odorosa,
Faz seu perfume exhalar!...

N'esses momentos solemnes
Como é bello então viver!
Contemplar tanta grandeza,
E de Deus um tal poder!
Esse Deus que só podia
Criar a noite e o dia,
Do nada o mundo formar!
Esse Deus que se revela,
Na bonança e na procella,
No soffrer e no gosar!...

Amo a noite, porque sinto
Bem suave inspiração,
Ao ver a formosa lua
Com seu pallido clarão!
Ao ver as puras estrellas,
Tão brilhantes e tão bellas,
Matizando um ceo d'anil!
Sentindo a fagueira brisa,
Que mansamente deslisa
Nas lindas noites d'Abril!...

N'essas noites encantadas,
Que eu amo com tanto ardor ;
N'essas noites que nos fallam
Constantemente d'amor ;
Os olhos então eu fito
Lá n'esse espaço infinito,
Que ños separa dos ceos ;
E admiro em tal grandeza,
Immensidade e riqueza,
A existencia de Deus !!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Os reis de Tunkin, que se chamam *Dovas* ou *Vuas*, tiveram, desde o estabelecimento do seu throno, grande poder. A nova dynastia dos Lé governou pacificamente pelo espaço de sessenta e sete annos ; mas reinando o decimo rei d'esta casa, um nobre, chamado Mac, rebellou-se, asenhoreando-se do poder. Outro senhor tunkinez, Nquien-Phuoé, fiel a seus monarchas, derribou o usurpador e restabeleceu a familia dos Lé. Em recompensa d'este serviço, obteve para si e para os seus descendentes a dignidade de *Chua-vua*, que lhe conferia o governo do estado debaixo das ordens do Dova. A creação d'um segundo poder hereditario, de algum modo contraposto ao do rei, é um dos factos mais singulares que apresentam os annaes de Tunkin, e que não tem talvez analogo nos de nenhum outro paiz.

A familia dos Nquien-Phuoé não conservou por muito tempo esta dignidade, que devia á sua dedicação e lealdade. Um Chua-vua deu a filha em casamento a um de seus escudeiros favoritos, chamado Trinh ou Trinq; o qual, destro, sagaz e perfido, concebeu o projecto de succeder a seu sogro em prejuizo dos cunhados. Com effeito, por morte d'aquelle, conseguiu fazer-se nomear governador de Tunkin, e bem depressa depois, por vontade ou por força, obteve o titulo de Chua-vua.

Doan-Jong, o mais velho dos Nquien, esbulhado por Trinh, viu-se obrigado a fugir para a Cochinchina, onde, tendo reunido alguns partidarios, tentou submeter os Mac, os antigos usurpadores, que, expulsos de Tunkin, se haviam retirado para as montanhas da Cochinchina, conservando sempre algumas esperanças. Nquien, vencendo-os, expulsou-os da Cochinchina, e fez-se senhor de todo o paiz, que só governou sob o nome e autoridade do rei Lé. Desde então começou uma guerra civil, certamente sem exemplo nos fastos da historia. Viu-se dois vice-reis, reconhecendo ambos, ao menos apparentemente, a autoridade do mesmo soberano, combaterem-se cada qual á frente das tropas do paiz que governava. Esta rivalidade dos Trinh de Tunkin, e dos

Nquien da Cochinchina, suspensa de tempos a tempos por treguas e tratados, durou quasi dois seculos. Em um intervallo d'estas guerras, 1553, é que os direitos dos Nquien sobre a Cochinchina foram reconhecidos, sendo este estado erecto em monarchia, com o onus da homenagem, e tributos pagos ao rei de Tugin. Os Nquien, investidos na realeza, prestaram sempre a homenagem e pagaram o tributo, excepto em tempos de guerra, para que então este não fosse entregue aos Trinh, e lhes servisse para sustentar os exercitos que enviavam contra a Cochinchina.

Depois do estabelecimento d'um Chua hereditario em Tunkin, os reis d'este paiz, *Dovas*, não tiveram senão um poder illusorio. Era tal a nulidade do Dova, que não podia mesmo escolher entre os seus filhos o que queria por successor. Esta escolha era attribuição dos Chuas, que não deixavam de preferir o principe cuja incapacidade offerecia maiores garantias ao seu poder usurpado.

Em quanto Tunkin gemia sob o jugo tyrannico dos Trinh, que em vão repetidas vezes tentara sacudir, a Cochinchina, governada pelos Nquien, que quasi todos foram esclarecidos e virtuosos, começava a gosar os beneficios da civilização, e tornava-se rival da potencia de que era tributaria. O mais celebre d'estes principes foi Hien-Nquien-Vuong, que reinou quarenta annos. A elle deveu a Cochinchina os maiores progressos, e a conquista d'uma parte do Tsiampa, e das provincias septentrionaes de Camboja.

Finalmente, chegou o momento em que Tunkin se viu livre da mão de ferro dos Trinh. Tendo um d'estes Chuas sido assassinado e morrendo sem filhos, muitos dos seus parentes pretenderam essa dignidade, e se pozeram á frente de partidos oppostos, que mais d'uma vez vieram ás mãos no espaço de oito annos. Com o favor d'estas discordias, o rei combateu os partidos divididos, e destruiu-os ; a dignidade de Chua deixou de ser hereditaria, e a promoção a este cargo elevado dependeu d'abi em diante da escolha do soberano.

A Cochinchina foi victima de acontecimentos ainda mais tragicos, e de maiores calamidades. Vo-Nquien-Vuong, que subira ao throno em 1732, infiel á antiga virtude de seus antepassados, tinha alienado o amor dos subditos, conferindo por testamento o imperio ao filho d'uma das suas concubinas, chamado Anh-Vuong, em prejuizo de seus filhos legitimos. Este transtorno na ordem da successão á corôa excitou descontentamento e indignação universaes ; mas as medidas estavam tão bem tomadas que a resistencia foi impossivel, e a submissão inevitavel. Fraco, incapaz, devasso, abandonando o cuidado do imperio a um ministro que já se tornara odioso no tempo do governo de seu pae, Anh-Vuong opprimiu o povo e tornou aborrecido o seu reinado. Muitas insurreições foram então reprimidas ; mas finalmente em 1774 rebentou a revolução, que, por uma guerra de vinte oito annos e uma incrível alternativa

de acontecimentos, levou o paiz ao estado actual.

Os sublevados chamaram em seu auxilio os tunkinezes e lhes facilitaram a entrada no seu territorio. O general tunkinez, tão politico como guerreiro, advertiu o rei de que não tinha entrado nos seus estados para lhe fazer guerra, mas para livrar os seus subditos da oppressão do primeiro ministro; que se elle queria entregar-lh'o, retirar-se-hia immediatamente. Similhan-
te aos carneiros da fabula, que julgam salvar-se

dos lobos entregando-lhes os cães seus fieis defensores, o principe entregou o seu ministro ás mãos do inimigo. Quando o general tunkinez o teve em seu poder, marchou contra Anh-Vuong, que, privado de conselhos, e incapaz de defender-se, procurou a salvação na fuga. Retirou-se para a baixa Cochinchina com tanta precipitação, que não pôde levar os seus thesouros, sendo estes presa do vencedor.

(Continua.)



EGREJA DE GAMSTON.

O templo parochial de Gamston, em Inglaterra, é situado a tres milhas quasi de Retford, nas margens do rio Idle, e á borda do que foi antigamente bosque de Sherwood. Este edificio, notavel assim pelas recordações historicas, como pela architectura, foi agora reparado e melhorado, e restabelecido o portico do norte, que se achava em ruina.

É dedicado a S. Pedro. O corpo principal é de uma só nave, tendo outra ao sul, e a torre ao poente; as pilastras e os quatro arcos, que dividem o lado do sul da outra nave, mostram ser construcção do fim do seculo XIII, e são de bom desenho, sobretudo de um gosto particular e notavel os capiteis das pilastras. Os tectos, as frestas ou janellas, e toda a restante obra datam do seculo XVI. A torre, digna de menção por sua bella structura, é n'um estylo gothico primitivo, denominado perpendicular.

Foi originariamente mosteiro e priorado com seus conegos regulares, que viviam em commu-
nidade, e eram senhores do territorio circunvi-

sinho: o actual proprietario é o duque de Newcastle, que concorreu com dois terços da despesa total de duas mil e trinta e cinco libras esterlinas na actual restauração da igreja, a qual se abriu novamente ao culto em 20 de Dezembro do anno proximo passado. M.

BYRON!

A apparição de lord Byron na litteratura europea, foi um d'estes grandes acontecimentos, cuja influencia se estende a todos os povos, e a todas as gerações; não que lord Byron creasse, como querem alguns criticos, um novo genero de poesia, pois não é dado ao homem ser creador de coisa alguma; mas porque ha sido o mais poderoso e inspirado interprete de todos os sentimentos, de todas as paixões, de todos os delirios emfim, que marcam a tempestuosa crise entre os ensaios de uma sociedade nascente, e as convulsões de uma sociedade que baqueia. By-

ron não inventou essa poesia, que estava na ordem das coisas; o que fez foi revelal-a.

Esta opinião de Charles Nodier, acerca do illustre poeta de que vamos occupar-nos, caracterizando devidamente o bardo inglez, justifica ao mesmo tempo o nosso desejo de apresentar aos leitores do Panorama, não um trabalho completo sobre a vida e escriptos de Byron, mas um esboceto biographico e uma ligeira analyse das obras do grande poeta.

Genio excepcional, como Hoffmann, o autor de *D. Juan* e *Childe-Harold* tem feito desesperar milhares de imitadores, de todas as nações da Europa. N'este facto está o seu maior elogio.

Lord Byron nasceu em Londres, a 22 de Janeiro de 1788, e posto que pertencesse a uma familia quasi de estirpe real, a sua velha nobreza não o salvaria da obscuridade, se o talento o não immortalisasse.

Um funesto accidente o tornou cego, apenas enxergava pela primeira vez a luz do dia.

Esta desgraça affectou-o dolorosamente toda a sua vida, a ponto de dizer uma mulher espi-rituosa, que lord Byron daria de bom grado metade da sua gloria, para ter os pés tão formosos como as mãos!

Moore conta que, sendo Byron ainda criança, e ouvindo exclamar uma pobre mulher, que o contemplava: «Bonita creança! Que pena ser estropeada!» pegara de um chicote e lhe batera, bradando colericamente: «Não falles em tal!»

Sua mãe tratava-o sempre por *cozinho*; os condiscipulos da escola chasqueavam-no por causa d'aquella deformidade: e é talvez por isso que lord Byron mostrou desde creança um genio concentrado e *spleenatico*.

O grande poeta começou o seu tirocinio litterario na escola de Aberdeen, aos cinco annos de idade; depois esteve na escola de Harrow, mas em nenhuma d'ellas fez grandes progressos no estudo; distinguia-se mais pelos exercicios gymnasticos.

Em 1796 fez uma viagem a alta Escocia (Highlands) e desde então mostrou grande sympathia pelas perspectivas da natureza alpestre. Dahi data também uma paixão precoce, que inspirou ao poeta, durante toda a sua vida, a maior e melhor parte dos seus versos. Diz-se que o Dante se apaixonara por Beatriz, quando apenas contava nove annos de idade; porém Byron adiantou-se ao vate florentino, começou a requestar Maria Duff, sendo um menino de oito annos!

Em 1798 falleceu seu pae, na abbadia de Newstead, e o nosso poeta partiu de Aberdeen para tomar conta d'aquella habitação senhorial, que lhe cabia por herança, pobre herança, na verdade! Desde então começou a estudar com mais assiduidade, pelo menos a litteratura e a historia, e conseguiu que a cirurgia lhe mino-rasse a deformidade do pé, a ponto de poder calçar botins ordinarios, o que lhe causou a mais vehemente alegria.

Em 1801 acompanhou sua mãe a Cheltenham.

O aspecto das montanhas de Malvers, diz Amédée Pichot, renovou-lhe a lembrança das suas primeiras impressões. Ao descair da tarde, o futuro poeta da *Parisina* e de *Zuliska* experimentava sensações estranhas, sonhava acordado pelos desvios da terra.

Uma casualidade veio ainda, durante o curso d'esta viagem, alimentar a paixão de Byron pelo maravilhoso, paixão que elle nutria desde o berço, talvez devida ao caracter escocês de sua mãe, e que o poeta conservou até á morte. Mistress Byron foi um dia consultar uma cigana, annunciando-se como solteira; porém a bohemia respondeu-lhe que ella era casada, e que tinha um filho cego, que estaria em perigo de ser envenenado antes de pouco tempo, e que se casaria duas vezes, sendo a segunda com uma estrangeira. Esta prophécia, que se não verificou completamente, influuiu contudo no cerebro de lord Byron.

Desde a escola mostrou o illustre poeta uma grande aptidão para orador e improvisador, e se a tribuna politica não registrou discursos eloquentes, pronunciados por elle na camara dos lords, é porque a sua vida estrante o afastou sempre para longe da Inglaterra. Sir Robert Peel, seu companheiro de collegio, e mais tarde um famoso homem de estado e orador distincto, não excedia a Byron na viveza e facilidade da declamação.

Apenas entrado na idade dos doze annos, já lord Byron sentia uma segunda paixão amorosa; esta nova emoção ia fazer brilhar de toda a sua luz a centelha poetica, que o amor de Maria Duff havia despertado no coração juvenil de Byron. Sua prima, miss Parker, gentil menina de olhos negros e perfil grego, foi o objecto d'esta nova affeição do poeta, que pouco durou, porque a infeliz morreu desastadamente, dois annos depois.

Em 1803 apoderava-se d'elle um novo amor, mais serio do que os dois primeiros; uma d'estas paixões que lançam raizes fundas n'um coração de poeta. Miss Maria Chaworth, filha de um homem que o velho lord Byron matara em duello, foi a nova Juana d'este varriavel Petrarcha; porém a bella desproheu a affeição do cantor de *Haydee*, e chegou mesmo a dizer, de maneira que elle ouvisse: Quem acredita que eu pense, um momento sequer, n'esse pobre cego!?

Byron fugiu d'aquella mulher, que lhe não era possivel, todavia, deixar de adorar; e um anno depois, despedindo-se d'ella, na occasião de emprender uma viagem, balbuciou estas palavras:

— Quando voltar, estareis, sem duvida, casada?

— Assim o espero, respondeu friamente a coquette.

Passado um anno tinha casado.

Miss Chaworth, tornada mistress Musters, foi tão infeliz no consorcio como, mais tarde, o proprio lord Byron.

O nosso grande poeta entrou então no collegio de Cambridge, mas sem augmentar de assiduidade ás disciplinas escolares. Tratava, com mais

fervor, de aprender a nadar, e o seu divertimento favorito era fazer manobrar um urso.

O excêntrico bretão começou desde a mais tenra idade a viver em guerra aberta com o genero humano, e aos deztoito annos já vivia também mal com sua mãe; occupava-se por esse tempo, quasi exclusivamente, de atirar á pistola, nadar, adestrar cães para a caça, e representar em theatros particulares. Quasi ninguem o suppunha poeta, quando appareceram os seus primeiros versos, collectados sob o titulo de *Horas vagas*, em Newark. Este livro foi bem recebido do publico, mas violentamente atacado pela *Revista de Edimburgo*, em um artigo de M. Brougham, que lord Byron tornou celebre pela famosa satyra com que lhe respondeu, obra assaz conhecida, e que tem por titulo: *Os poetas inglezes e os criticos escocезes*. Dizem os seus biographos que o illustre poeta bebera tres garrafas de vinho de Borgonha em quanto compoz os primeiros vinte versos d'esta satyra!

Byron achava-se n'uma situação singular. A aristocracia, a cujo gremio elle pertencia, desprezava-o, e as dividas que tinha contrahido obrigavam-no a supportar quasi a miseria, por falta de recursos. Entre fidalgo e aventureiro, mais inclinado comtudo á carreira de par do reino do que á poesia, viu-se todavia forçado, por assim dizer, a abraçar a gloria litteraria.

Uma mulher desistiu do seu destino, como succede a quasi todos os homens. Uma amante, que o acompanhou a Brighton, vestida de homem, foi a origem de todas as historias escandalosas que se contaram a seu respeito, e que o resolveram a abandonar a patria, que o não apreciava.

Tencionava dirigir-se á Persia, porém antes quiz ir a Londres tomar assento na camara dos lords. A 9 de Março de 1809 entrou no parlamento, mas sem que um só dos membros da camara o acompanhasse, diz com indignação mr. Dallas. A sua intenção de deixar a Inglaterra creou desde então, se é possível, ainda mais fundas raizes.

Pouco depois voltou á sua velha e solitaria habitação de Newstead, e ahí, segundo as suas proprias expressões, «destrahia-se em folguedos desregrados, n'uma alegria impia; apreciando só a companhia das prostitutas, e dos homens devassos e grandes bebedores, fosse qual fosse a classe da sociedade a que pertencessem.»

Em Junho, finalmente, deixou lord Byron o solo da patria, e é d'essa *hegira* que data a sua gloria, como tem succedido a outros grandes homens. Lisboa foi o ponto do mundo que o illustre poeta escolheu para começar a sua longa excursão, mas não se deu muito bem com os ares da nossa terra, onde um boleeiro o zurziu com o pau do descanso da sege, como faria a qualquer estúpido, por causa da sua insolencia de grão-senhor.

As viagens de Byron constituem uma epoca interessante da sua vida. O seu caracter, incompreheensivel para o vulgo, nada tinha de attrahente, todavia encontrou em varios pontos almas que

o comprehenderam. Uma das suas idéas fixas em arranjar uma taça do craneo de algum frade! Mau sestro para viajar então na Peninsula.

No seguinte capitulo daremos noticia d'esta poetica Odissea de Byron, atravez de Portugal, do meio dia da Hespanha, Malta, Sardenha, Sicilia, a Albania, a Illyria, a Moréa, Thebas, Athenas, Delphos, o Parnaso, e Constantinopola.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

O SACRIFICIO INTERROMPIDO.

Em o pagode que se encontra a uma milha de Serampor ha um idolo, ao qual passeiam em um carro uma vez cada anno. Mr. de Lanoye conta a este respeito o seguinte caso:

«Esta festa reúne sempre immensa concurrencia de fanaticos, e muitos d'elles procuram uma morte religiosa debaixo das rodas do carro do idolo. Ha alguns annos, um *gentleman*, secretario particular do governador geral da companhia das Indias, passando a cavallo pelo mesmo sitio no momento da cerimonia, viu um d'elles deitado na estrada por onde o carro ia passando, e já as rodas quasi lhe tocavam, de que se seguiria infallivelmente ficar pisado. Mettendo o cavallo a galope, o inglez precipitou-se sobre o martyr ás chicotadas. O desgraçado levantou-se immediatamente e fugiu a bom fugir, clamando pela morte.

Inteiramente preparado para uma morte horrerosa, não o estava comtudo para as chicotadas!

QUE FIM LEVARAM OS BIGODES DE D. JOAO DE CASTRO?

A historia transmittiu-nos este feito honrado do nobre vice-rei da India, este solemne testemunho do valor da palavra de um fidalgo portuguez. O penhor que pareceria, a quem fosse menos presador da hora, coisa de nenhuma estima, encontrou homens honrados que souberam avaliar-o acima das mais excellentes joias. A confiança não foi trahida—nem podia sê-lo—por quem nos empenhos do patriotismo dava tão subidas provas de honra; e salva a possessão, que era uma joia da corôa portugueza, foi resgatada a palavra com o desempenho do penhor, que passou a conservar-se no thesouro da familia dos Castros, como veneranda reliquia da lealdade e da honra.

Folheando alguns manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa, encontramos entre varios papeis o testamento original de D. Marianna de Noronha e Castro, viuva de D. Alvaro de Portugal, e que falleceu no anno de 1681. Achámos n'elle a seguinte verba, a respeito das barbas de D. João de Castro, e que nos pareceu bastante curiosa, e digna de publicidade:

«Quero mais e ordeno que os bigodes de meu tresavô D. João de Castro, vice-rei da India os tenham sempre para eterna memoria os ditos re-

« ligiosos theatinos da Divina Providencia, em lo-
« gar decente da sua sacristia, com o mesmo or-
« nato de prata e caixa com que lh'os deixo sem
« o poderem mudar, nem desfazer-se delle, e a el-
« les deixo o livro da familia dos Castros com o
« mesmo encargo de se não desfazerem delle. »

O testamento teve seu cumprimento como exa-
minámos em varias notas que acompanham ou-
tros papeis da referida D. Marianna de Castro ;
e portanto os padres theatinos, que no mesmo tes-
tamento não eram os menos favorecidos, colloca-
ram as barbas em logar decente na sachristia, co-
mo se lhes ordenava. Conservaram-se ali muito
tempo? Existiriam ainda quando em 1833 teve
logar a extincção das ordens religiosas? Onde
existirão hoje?

Não podemos satisfazer por ora a estas inter-
rogações. **

**RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM
EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEI-
RA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D.
SEBASTIÃO EM AFRICA.**

Continuação.

LXVII

De como Manuel da Silva ordenou tormentos de fogo
para dar tratos.

Ordenou Manuel da Silva, por traça de um fran-
cez, uma invenção de tormentos, que taes eram
elles que tudo quanto elle quizesse que lhe des-
cobrissem, sem ser assim o diziam. Mandava pi-
zar carvão, e faziam-no em pó que parecia farinha
coada, e o botavam em azeite de oliva, e faziam pol-
me, e mandava fazer lume com boa lenha na cerca
dos paços, e mandava descalçar os homens, e com
os pés mettidos em um tronco direitos ao lume,
com umas servilhas calçadas, e o polme alli pos-
to, e com as mãos tomavam o polme e untavam por
fora as servilhas, e pés, e os punham ao lume,
como quem os assava; de maneira que se esta-
vam vivos fregindo; e o ditto Manuel da Silva
a passear e a perguntar; e os pobres a gritar.
O primeiro que assim foi atormentado foi o po-
bre Melchior Affonso, o qual descobriu tudo o que
tinha ditto e o mais que sabia. Tiraram-o en-
cortado, com os pés assados e fritos, que não fi-
caram mais homens, por que por alli lhe derre-
tiam todos os tutanos do corpo. Como lhe con-
fessou tudo o mandou retirar, e o mandou reco-
lher para um aposento dos paços, e tudo man-
dou escrever por tabeliães, e escrivães que al-
li estavam, e eu que vi tudo. Ao outro dia o man-
dou metter na cadeia, e isto era já no anno de
1583, e lhe mandou sequestrar todos seus bens,
fazendo inventario, e lhe mandou que em breve
tempo arrazoasse a final de sua defeza. Cuido que
não arrazoou. Foi sentenciado que fosse arrasta-
do pelas ruas publicas da Cidade, e enforcado,
e esquartejado, e a cabeça posta e pregada no
relogio da praça, na torre delle, e os quartos pos-

tos pelas entradas da cidade, e seus bens per-
didos para a coroa, por traidor e cabeça de bando
contra seu rei natural. E dada a sentença lhe foi
publicada, e logo foram padres confessal-o e isto
foi a um Sabbado pela manhã, e os padres es-
tiveram com elle té a vespora, e á vespora o foram
tirar do carcere com a bandeira, e um Crucifi-
xo, e irmãos da casa da Santa Mizericordia, e ao-
rabo de um cavallo o levaram em um couro pe-
las ruas da cidade, e elle muito animado, e lhe
lembraram algumas cousas pelo caminho de obri-
gação que tinha a outras pessoas, e se assenta-
va no couro, e com sua mão escrevia tudo. E as-
sim foi té a forca, que foi posta ao longo do mar,
na ponta do caes, e alli enforcaram o desgraça-
do Melchior Affonso, morrendo muito animado,
pedindo perdão a todo o povo se lhe tinha dado
escandalo no caso que tinha ordenado. E alli o
esquartejou o algoz, e no mesmo cavallo foram pos-
tos os quartos, e os levou aos logares em que cos-
tumavam pôr-se, e a cabeça á praça pregada em
um pau que estava atravessado em cima no re-
logio, ou na torre delle, aonde esteve té que se
entrou a ilha, que foi em 26 do mez de julho do
ditto anno de 1583.

LXVIII

De como foi muita gente pedir a Manuel da Silva mandasse
tirar a cabeça de Melchior Affonso, e do que elle respondia.

Este homem era casado segunda vez com uma
Izabel de Nabais, que ainda é viva té esta era
de 1611, e havia pouco tempo que era com elle
casada, e tinha dois meninos della, e da primei-
ra mulher tinha outra filha, e um filho ausente.
Depois de estarem alguns tempos os quartos pos-
tos pelas portas da cidade, com licença do ditto
Manuel da Silva foram enterrados. Era elle na-
tural da cidade, e tinha parentes; e a mulher de
honrados parentes, e parte delles muito do ser-
viço do Snr. D. Antonio. Metteram rogadores ao
ditto Manuel da Silva, se lhe queria dar licença
para tirarem d'alli a cabeça, que os mesmos mo-
radores da cidade tinham compaixão de a verem
alli; e destes rogadores iam os mais dos dias mui-
tos sem se poder acabar com elle o tal. Continuou-
se por espaço de tempo com os dittos rogos, era
por demais: foram um dia muitas pessoas jun-
ctas para ver se o podiam abrandar d'aquella tei-
ma, onde foram alguns religiosos, por amor dos
quaes o ditto Manuel da Silva tinha concedido al-
gumas cousas. Deliberou-se o ditto Manuel da
Silva com isto, porque lhe não fallassem mais, e
dice: *Para que é já porfiar nisso? Se eu houvera
de dar tal licença para se tirar a cabeça desse ho-
mem, já a houvera dar: mas porque me não por-
fiem, affirmo, que quando virem tirar d'alli a ca-
beça de Melchior Affonso, que se hade pôr a mi-
nha; e com isto vão todos desenganados, e não
cancem mais.* Este ditto de Manuel da Silva se
cumpriu á risca, e assim foi, porque a de Mel-
chior Affonso se tirou, e se poz a do dito Manuel
da Silva, como ao diante se contará em seu logar.
(Continua.)